

Aprendizagem Cooperativa no Ensino em Grupo de Piano: Considerações de uma Pesquisa em Andamento

Josélia Ramalho Vieira¹

UFPB-UNIRIO/PPGM-DOCTORADO

SIMPOM: *Educação Musical*

jramalhovieira@yahoo.com.br

Resumo: Este texto apresenta a pesquisa de doutorado da autora, ainda em fase inicial, que consiste em uma pesquisa experimental em sala de aula que visa a intervir no componente curricular “Piano Complementar” com o objetivo de investigar quais os limites e as possibilidades da aprendizagem cooperativa na aula em grupo de piano complementar para licenciandos sob a perspectiva da interdependência social em uma pesquisa experimental educacional. A pesquisa consiste em investigar os limites e as possibilidades deste tipo de ensino em um curso de licenciatura, principalmente sob uma perspectiva de coesão social, cujo principal pressuposto é a teoria da interdependência social (DEUSTCH, JOHNSON e JOHNSON), a qual integra o constructo teórico desta pesquisa. O recorte aqui apresentado consiste na apresentação do objetivo geral e dos específicos; a delimitação do campo da pesquisa e dos conceitos da aprendizagem cooperativa, principalmente as semelhanças e diferenças com a aprendizagem colaborativa; além de apresentar os trabalhos, até agora revisados, sobre a aplicação da aprendizagem cooperativa do ensino em grupo de piano. A pesquisa está, desde modo, circunscrita em duas temáticas: a) a da aprendizagem cooperativa, ao problematizar e se estabelecer diálogos entre cooperação, interdependência social e ensino de música no âmbito do ensino-aprendizagem em grupo de piano complementar b) a temática da formação do educador musical por a ação estar circunscrita em um curso de licenciatura a construção deste conhecimento específico sob a perspectiva da aprendizagem cooperativa enfocará o ensino-aprendizagem do piano dentro da perspectiva da futura atuação do licenciando na área da educação musical.

Palavras-chave: Aprendizagem cooperativa; Piano complementar em grupo; Ensino de piano na licenciatura em música.

Cooperative Learning in Group Piano Teaching: Considerations of a Research in Progress

Abstract: This paper presents my doctoral research, still in the initial phase, consisting of an action research in the classroom in order to intervene in curricular component "Complementary Piano" in order to investigate the limits and the possibilities of cooperative learning in complementary piano group's class for undergraduates from the perspective of social interdependence in an educational experimental research. While the research investigates the limits and possibilities of this type of education in an undergraduate course,

¹ José Nunes Fernandes (orientador).

especialmente com a perspectiva de coesão social cuja principal hipótese é a teoria da interdependência (DEUSTCH, JOHNSON e JOHNSON), a nossa escolha para este pesquisador experimental. O esboço apresentado aqui consiste na apresentação dos objetivos gerais e específicos; a delimitação do campo de pesquisa e dos conceitos de aprendizagem cooperativa, especialmente as similaridades e diferenças com a aprendizagem colaborativa; além de apresentar o trabalho até aqui realizado, sobre a implementação da aprendizagem cooperativa no ensino de grupo de piano para estudantes de graduação em educação musical. A pesquisa é delimitada em dois temas: a) a aprendizagem cooperativa questionando e estabelecendo diálogos entre a cooperação, a interdependência social e a educação musical no ensino de grupo de piano para estudantes de graduação em educação musical b) a questão da formação de professores no campo da educação musical, cuja ação é limitada a um curso de graduação, a construção deste conhecimento específico sob a perspectiva da aprendizagem cooperativa focará no ensino e na aprendizagem sob a perspectiva da futura atuação do professor no campo da educação musical.

Palavras-chave: Aprendizagem Cooperativa; Grupo de Piano para Educação Musical de Estudantes de Graduação; Formação de Professores de Música.

1. Introdução

Este texto apresenta um recorte da pesquisa de doutorado da presente autora, ainda em fase inicial, que consiste em uma pesquisa-ação em sala de aula que visa a intervir junto aos alunos do Curso de Licenciatura em Música matriculados no componente curricular “Piano Complementar” ministrado em grupo. A pesquisa, do tipo experimental, consiste em investigar os limites e as possibilidades deste tipo de ensino em um curso de licenciatura, principalmente sob uma perspectiva da interdependência social, um dos pressupostos da aprendizagem cooperativa. O recorte aqui apresentado consiste na apresentação do objetivo geral e dos específicos; a delimitação do campo da pesquisa e dos conceitos da aprendizagem cooperativa, cujos principais pressupostos são a perspectiva da interdependência social a qual integra o constructo teórico desta pesquisa.

2. Piano como instrumento complementar

O ensino de piano para graduandos de outras habilitações dos cursos de música objetiva tornar, em curto espaço de tempo, estes futuros profissionais proficientes em piano para que estes apliquem esta competência no seu trabalho como músicos profissionais (FISHER, 2010, p. 213). No momento atual, pode-se afirmar que o ensino de piano complementar nas Universidades brasileiras conseguiu, nos últimos dez anos, livrar-se do que Montandon chamou de “aula de piano resumida” com foco no ensino de repertório ao invés de habilidades (MONTANDON, 2001, p. 105). A implantação de laboratórios de

piano/teclado em grupo na maioria das Universidades e a produção bibliográfica dentro desta perspectiva apontam para uma nova fase do ensino do piano complementar.

De uma maneira geral, as habilidades para o ensino do piano como instrumento funcional englobam as seguintes facetas: leitura; harmonização de melodias; execução de progressões harmônicas e acompanhamentos; improvisação/criação/experimentação; transposição; arranjo; leitura à primeira vista de uma partitura aberta; de uma partitura coral, técnica; tirar de ouvido; repertório solo; em grupo e de correpetição (MONTANDON, 2001; UZLER *et al.*, 2000; MACHADO, 2008; FISHER, 2010; MEULINK, 2011 e MÁS, 2011).

A presente pesquisa gira em torno do seguinte questionamento: é possível aplicar os conceitos e estratégias da aprendizagem cooperativa na aula em grupo de piano complementar em um curso de licenciatura em música?

A partir dessa questão, a pesquisa tem como objetivos: (1) investigar quais os limites e as possibilidades da aprendizagem cooperativa na aula em grupo de piano complementar para licenciandos sob a perspectiva da interdependência social em uma pesquisa experimental educacional; (2) pesquisar os pressupostos teóricos da aprendizagem cooperativa; (3) estabelecer as dimensões do ensino em grupo de piano a serem trabalhadas para desenvolvimento da prática pianística voltada para licenciatura, isto é, para o professor de música; (4) sistematizar os materiais pedagógicos utilizados na educação musical que possam se adequar ao ensino do piano e ao desenvolvimento destas práticas; (5) selecionar as que mais se adaptarem ao ensino em grupo de piano complementar; (6) relacionar os conteúdos do ensino de piano complementar com estratégias da aprendizagem cooperativa; (7) selecionar um repertório para aplicação das estratégias selecionadas; (8) relacionar os materiais selecionados com os métodos de ensino de piano complementar no intuito de estabelecer diretrizes pedagógicas no ensino do instrumento; (9) fomentar e analisar os processos de cooperação na aula em grupo de piano complementar sob a perspectiva da interdependência social.

3. Conceitos de aprendizagem cooperativa

A principal dificuldade ao conceituar aprendizagem cooperativa é, em princípio, estabelecer suas diferenças e semelhanças com a aprendizagem colaborativa. Para alguns autores, os termos se confundem sendo utilizados indistintamente; para outros, os termos não são sinônimos. “Sob a expressão genérica de *aprendizagem cooperativa*, encontram-se perspectivas teóricas diferentes: pedagógicas, psicológico-evolutivo, motivacionais”, porém,

o foco das pesquisas e aplicação da aprendizagem cooperativa sempre é o grupo “como meio para o desenvolvimento social e cognitivo do indivíduo” (AJELLO, 2005, p. 38).

Cuseo (1992 apud BARKLEY, 2014) coloca a aprendizagem cooperativa como uma subcategoria da aprendizagem colaborativa, ao passo que Pascarella e Terenzini (2005 apud BARKLEY, 2014) consideram a aprendizagem cooperativa como sendo uma versão distinta e altamente estruturada da aprendizagem colaborativa. Outros autores, como Millis e Cottell (1998 apud BARKLEY, 2014) apontam que ambas fazem parte de um mesmo movimento, sendo a cooperativa mais estruturada e, a colaborativa, menos.

Alguns autores se esquivam da polêmica dos termos cooperação e colaboração e optam por não utilizá-lo; é o caso de Topping e Ehly (apud MONEREO; GISBERT, 2005, p.14) que preferem falar de aprendizagem assistida por iguais (*peer tutoring learning*).

Ambas as correntes pedagógicas, lembra Panitz (1996, 2015), estão fundamentadas na epistemologia construtivista; portanto, o conhecimento deve ser experimentado pelo aluno para, em seguida, ser transformado em conceitos, posteriormente, estes podem ser reaplicados em outros contextos. Neste sentido, a aprendizagem cooperativa é estruturada pelo professor, ao passo que a colaborativa coloca a responsabilidade pela aprendizagem no aluno.

Torres e Irala conceituam as duas abordagens de uma forma semelhante à Panitz, para os autores

[...] na **colaboração** o processo é mais aberto e os participantes do grupo interagem para atingir um objetivo compartilhado. Já na **cooperação** o processo é mais centrado no professor e orquestrado diretamente por ele. Trata-se de um conjunto de técnicas e processos que os alunos utilizam com uma maior organização dentro do grupo de estudo para a concretização de um objetivo final ou a realização de uma tarefa específica. É um processo mais direcionado do que o processo de colaboração e mais controlado pelo professor. (TORRES; IRALA, 2007, p. 74, grifos nossos).

Para Damon e Phelps (1989 apud MONEREO; GISBERT, 2005, p. 13) a diferença entre cooperação e colaboração está no papel desempenhado pelos membros do grupo em relação à qualidade da igualdade e reciprocidade. Na cooperação, há uma elevada igualdade e uma reciprocidade mediana; na colaboração, a igualdade é equivalente à cooperação, mas o nível de reciprocidade é elevado.

Para Bruffee (1995), as atitudes que são recomendadas para os professores da aprendizagem colaborativa não são compatíveis com a aprendizagem cooperativa. Segundo o mesmo autor, o objetivo da aprendizagem cooperativa é a harmonia do grupo, o suporte

mútuo para a solução de problemas, ao passo que, na colaborativa, é o desenvolvimento de autonomia, da individualidade, trabalhar em grupo não impede, dentro desta filosofia, a ocorrência de discussões e concorrências, algo que não está de acordo com a cooperação.

Alguns autores mais representativos da aprendizagem cooperativa utilizam o termo exclusivamente, isto é, sem a menção ou discussão do termo “aprendizagem colaborativa”. São eles Spencer Kagan, Schlomo Sharan, os irmãos David e Roger Johnson, Monereo e Gisbert.

Kagan (1989 apud PANITZ, 1996) define a aprendizagem cooperativa como:

[...] a abordagem estrutural para aprendizagem cooperativa toma por base a criação, análise e aplicação sistemática das estruturas, ou maneiras livres de organizar a interação social na sala de aula. Estruturas geralmente envolvem uma série de etapas, com comportamento prescrito em cada etapa. Um marco importante da abordagem é a distinção entre "estruturas" e "atividades".²

Por exemplo, em uma mesma estrutura de cooperação, o professor pode organizar diferentes atividades com diversos conteúdos.

Os irmãos Johnson e Johnson (1999b) definem a cooperação como a atividade de trabalho em grupo para alcançar objetivos. Situações cooperativas demandam que o grupo está acima do indivíduo. Desta forma, os autores definem aprendizagem cooperativa como “a atividade instrucional que utiliza pequenos grupos de modo que ao trabalhar em conjunto os alunos maximizem a aprendizagem individual e do grupo”³ (JOHNSON e JOHNSON, 1999b, p. 5).

Sharan (1994, p.336) define a aprendizagem cooperativa como uma abordagem para o ensino-aprendizagem em sala de aula que é centrada no aluno e centrada no grupo, apesar de não ser centrada no professor, este é essencial para a condução e a aprendizagem na sala de aula.

Monereo e Gisbert utilizam o termo aprendizagem cooperativa como abrangente dos termos tutoria, cooperação e colaboração, pois ao se relacionar a cooperação às suas práticas de ensino, relacionam-se, obrigatoriamente, com a tutoria e a colaboração, porém sem

² The structural approach to cooperative learning is based on the creation, analysis and systematic application of structures, or content-free ways of organizing social interaction in the classroom. Structures usually involve a series of steps, with proscribed behavior at each step. An important cornerstone of the approach is the distinction between "structures" and "activities".

³ Cooperative learning is the instructional use of small group so that students work together to maximize their own and each other's learning.

abrir mão em alguns casos do termo aprendizagem colaborativa (MONEREO; GISBERT, 2005).

Na presente pesquisa, utilizar-se-á o termo aprendizagem cooperativa segundo a aceção de Johnson e Johnson, Kagan, Monereo e Gisbert.

4 Perspectivas teóricas da aprendizagem cooperativa

Encontram-se, na psicologia, as três principais correntes que formam o constructo teórico da aprendizagem cooperativa: a teoria da interdependência social, gerada a partir dos psicólogos da *Gestalt* Kurt Kofka e Kurt Lewin (início do século XX); a teoria cognitivo-evolutiva de Lev Vygostsky e Jean Piaget (anos 50 do século passado) e a teoria comportamental que tem, como principais autores: Skinner; Bandura; além de Homans; Thibaut e Kelley (segunda metade do século XX). Cada uma das linhas teóricas desenvolveu uma peculiar perspectiva prática, teórica e de pesquisa acerca da aprendizagem cooperativa, de modo que se podem determinar as relações entre as estratégias metodológicas desse tipo de aprendizagem e seus autores com as linhas teóricas subjacentes. Neste artigo, será abordada a corrente teórica no domínio da aprendizagem cooperativa, que toma por base a teoria da interdependência social, denominada por Vieira (2000, p. 31) de coesão social.

5 A Teoria da Interdependência Social: da *Gestalt* aos irmãos Johnsons

A Psicologia da *Gestalt*⁴ da Escola de Berlim, formada pelos psicólogos Max Wertheimer (1880-1943), Kurt Kofka (1886-1940) e Wolfgang Köhler (1887-1967) se fundamenta na noção que o homem conecta e organiza os eventos do seu mundo a partir da percepção de que estes lhes não são isolados, mas que fazem parte de um todo, uma totalidade carregada de significado (ANDRADE, 2009; JOHNSON, 2003).

Esta ideia da totalidade na teoria da *Gestalt* aplicada ao processo de aprendizagem leva à compreensão de que ela é o resultado de um processo de *insight*, isto é, “a reorganização perceptiva da totalidade (todo) de uma situação problema” (ANDRADE, 2009, p.117). Sendo que a aprendizagem será diferente para cada pessoa, pois o *insight* depende da experiência de cada um e também do estímulo que a proporcionou (ANDRADE, 2009).

Kurt Kofka trouxe esta concepção para a psicologia aplicada a grupos, segundo ele, os grupos são dinâmicos porque sua totalidade, aqui no sentido gestáltico, depende da constante

⁴ O substantivo alemão “Gestalt”, desde a época de Goethe, apresenta dois significados diferentes: (1) a forma; (2) uma entidade concreta que possui entre seus vários atributos a forma. É o segundo significado que os gestaltistas do grupo, que posteriormente vai se chamar de Berlim, utilizam (ENGELMANN, 2002, p. 1).

variação da interdependência dos seus membros (JOHNSON, 1999b). Kofka desenvolveu importantes conceitos para a psicologia social como coesão, liderança, pressão etc., sendo o primeiro a utilizar, em 1939, o termo “dinâmica de grupo” ao estudar as relações entre grupo e liderança (BORIS, 2013, p. 39).

Kurt Lewin, partindo dos mesmos princípios, buscou apreender as situações e a dinâmica dos membros de um grupo quando numa situação de interdependência em relação a uma tarefa (BORIS, 2013, p.39). A noção de que um grupo não era a soma de suas partes, mas uma entidade no sentido gestáltico, levou Lewin a compreender que a pressão grupal influenciava os membros, que influenciavam de volta o grupo, formando uma *Gestalt*, isto é, elementos diferentes funcionando como uma unidade (BORIS, 2013, p. 57).

Nos Estados Unidos, Morton Deutsch foi influenciado pelas ideias de Lewin e formulou uma teoria da cooperação e competição na década de 40 do século XX. Ao longo da sua vida, seus trabalhos se inter-relacionaram nos seguintes campos: resolução de conflitos, justiça social e relações sociais (DEUTSCH, 2006).

A teoria da cooperação e competição tem duas ideias básicas, uma que se relaciona com a interdependência entre os objetivos de pessoas envolvidas em determinadas situações e outra, que se relaciona com as ações tomadas pelas pessoas envolvidas (DEUTSCH, 2006, p. 26). Segundo a teoria, existem dois tipos de interdependência:

a) positiva (onde as metas estão ligadas de tal modo que a quantidade ou probabilidade de realização do objetivo do indivíduo é positivamente correlacionada com a quantidade ou a probabilidade do outro [indivíduo] obter seu objetivo) e **b) negativa** (onde as metas estão ligadas de tal modo que a quantidade ou probabilidade de realização do objetivo é negativamente correlacionada com a quantidade ou probabilidade do outro [indivíduo] obter seu objetivo)⁵ (DEUTSCH, 2006, p. 24, grifos nossos).

A partir de suas pesquisas, Deutsch elaborou sua lei sobre as relações sociais: “Os processos característicos e os efeitos induzidos por um determinado tipo de relação social também tendem a provocar este [mesmo] tipo de relação social⁶” (DEUTSCH, 2006, p.30).

Mais tarde, Johnson e Johnson, a partir das pesquisas de Deutsch, refinam a teoria e formulam uma das aplicações práticas da teoria da interdependência social, a que trata do

⁵ “[...] positive (where the goal are linked in such a way that the amount or probability of a person’s goal attainment is positively correlated with the amount or probability of another obtaining his goal) and negative (where the goals are linked in such a way that the amount or probability of a goal attainment is negatively correlated with the amount or probability of the other’s goal attainment)” (DEUTSCH, 2006, p. 24, tradução nossa).

⁶ Deutsch’s Crude Law of Social Relations: “The characteristic processes and effects elicited by a given type of social relationship also tend to elicit that type of social relationship”.

contexto social da aprendizagem. Neste contexto, a aprendizagem será mais efetiva tanto quanto houver mais ênfase em cooperação, resolução de conflitos, controvérsia criativa, isto é, se a aprendizagem for cooperativa (DEUTSCH, 2006, p. 38).

Os irmãos Johnson (1999a, p. 53) relacionam a aprendizagem cooperativa com a presença de cinco elementos essenciais: 1. Interdependência positiva; 2. Interações face a face; 3. Responsabilidade individual; 4. Habilidades Sociais e 5. Auto-reflexão de grupo, além de enfatizar a importância do professor para a formação de grupos. Na metodologia denominada “Aprendendo juntos”, dos Johnsons, os grupos podem ser formais, informais ou de base. Das estratégias listadas em Gisbert e Monereo (2005, p. 17), foram listadas as que, por meio dos seus autores, encontram-se dentro do *corpus* teórico da coesão social: *Jigsaw* (Aronson e colaboradores), *Learning together* (Johnson e Johnson), *Group investigation* (Sharan e Sharan), *Structural Approach* (Kagan) e *Finding out* (Cohen).

6 Estado da Arte

A aplicação da aprendizagem cooperativa ao ensino em grupo de piano está presente em poucos trabalhos. Joseph Goliger, desenvolveu e aplicou um currículo para piano em grupo baseado na teoria da aprendizagem cooperativa para alunos de ensino médio, em 1995 na cidade de Urban, nos Estados Unidos (FISHER, 2006, p.30).

Fisher (2006) descreve como aplicou diferentes técnicas para o ensino de diferentes habilidades no ensino em grupo apropriando-se para o piano de conceitos como os de David e Roger Johnson, Robert Slavin, Spencer Kagan, Schlomo e Yael Sharan (FISHER, 2006).

Alejandro Cremaschi tem utilizado a teoria nas aulas de piano em grupo da Universidade do Colorado. Uma de suas alunas, Book McGree utilizou, em 2010, uma combinação de coleta de dados qualitativa e quantitativa para investigar a apreensão, auto-eficácia, hábitos de prática e atitudes de alunos de piano em grupo em situações de aprendizagem cooperativa, para a sua pesquisa de mestrado (MEULINK, 2011, p. 22).

Nancy Baker, em 2008, investigou a aprendizagem sob a ótica da teoria cooperativa, focalizando a melhoria na realização de leitura à primeira vista.

Meulink desenvolveu, na sua tese de doutorado, um guia para professor de piano em grupo que trabalham com alunos de ensino médio explorando a teoria e a metodologia cooperativa (MEULINK, 2011). O trabalho focado na pedagogia para professor contém

técnicas cooperativas para o ensino de harmonização, transposição, improvisação, leitura à primeira vista, acompanhamento, tocar de ouvido e técnica.

Conclusões

Esta comunicação abordou a pesquisa de doutorado em andamento na área de educação musical que investiga os limites e as possibilidades da aprendizagem cooperativa no ensino em grupo de piano na perspectiva da interdependência social com o recorte nos seus objetivos, conceitos da aprendizagem cooperativa, delimitação do campo de pesquisa e exposição do constructo teórico. A metodologia da pesquisa experimental não foi abordada neste recorte. A partir da revisão da literatura, expôs-se que a aprendizagem cooperativa está sendo timidamente apropriada pela área da música e que a opção da perspectiva da interdependência social abre um campo de pesquisa que pode ser de interesse da área na medida que a pesquisa caminhe para a ação. Acredita-se que ainda há muito a aprofundar nesta linha teórica, a saber, os diversos tipos de estratégias da aprendizagem cooperativa na perspectiva da interdependência, suas estruturas e modos de aplicação para o ensino em grupo de piano complementar, notadamente direcionado para futuros professores de música.

Referência

AJELLO, Anna Maria. A perspectiva pedagógica no estudo dos processos sociais na escolar. In: PONTECORVO, Clotilde; AJELLO, Anna Maria; ZUCCHERMAGLIO, Cristina. (Orgs.). *Discutindo se aprende: interação social, conhecimento e escola*. Trad. Cláudia Bressan e Sussana Termignoni. Porto Alegre, Artmed, 2005, p. 31-44.

ANDRADE, Elizário Souza. *Psicologia da educação*. Coleção Formando Educadores. Rede FTC faculdade de tecnologia e ciências. Editora NUPRE, 2009.

BAKER, Nancy Elizabeth. *The effects of peer teaching on undergraduate music majors' achievement and attitude toward sight-reading in the group piano setting*. Tese (Doutorado em Música). School of Music, Universidade de Louisiana, 2008.

BARKLEY, Elizabeth et al. *Collaborative learning techniques: a handbook for college faculty*. Ebook. Jossey Bass Pub: San Francisco, 2014.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. *Grupos vivenciais e cooperação: uma perspectiva gestáltica*. São Paulo: Intermeios, 2013.

- BRUFFEE, Ken. Sharing our toys- Cooperative learning versus collaborative learning. In: *Change*, Jan/Feb, 1995. p. 12-18.
- DEUTSCH, Morton. "Cooperation and competition" In DEUTSCH, M.; COLEMAN, P.T.; MARCUS, E.C (Editores), *The handbook of conflict resolution: theory and practice*. São Francisco: Jossey-Bass, 2006. p. 23-42.
- ENGELMANN, Arno. "A Psicologia da Gestalt e a ciência empírica contemporânea" In *Psicologia: teoria e pesquisa.*, Vol 18 Jan-Abr, n. 1, p. 01-16, 2002.
- FISHER, Christopher. *Teaching piano in groups*. New York: Oxford, 2010.
- JOHNSON, David W. "Social Interdependence: interrelationships among theory, research and practice" In *American Psychologist*. Vol. 58, N. 11, p. 931-945, 2003.
- JOHNSON, David W. e JOHNSON, Roger T. "Learning together" In *Handbook of cooperative learning methods*. SHARAN, Schlomo (Ed.). Westport: Greenwood, 1999a. p.51-65.
- JOHNSON, David W. e JOHNSON, Roger T. *Learning Together and Alone: Cooperative, Competitive, and Individualistic Learning*. Massachusetts: Allyn and Bacon, 1999b.
- MACHADO, Maria Inês Lucas. *O piano complementar e a interdisciplinaridade: performance, apreciação e criação integradas na formação acadêmica do bacharelado e da licenciatura*. Belo Horizonte, 2008. 263f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Música.
- MÁS, José M. Parra. *Piano e funcionalidade: proposta para um modelo generativo*. Tese (Doutorado em Música). Universidade de Aveiro, Aveiro, 2011.
- MEULINK, Judie N. *Cooperative learning methods for group piano: the development of a teaching guide*. Tese (Doutorado em Artes). Ball State University, Muncie, 2011.
- MONEREO, Carlos e GISBERT, David Duran. *Tramas: procedimentos para a aprendizagem cooperativa*. Cláudia Schilling (trad.) Porto Alegre: Artmed, 2005.
- MONTANDON, M. I. Piano Suplementar: função e materiais. In: SEMPEM, 1, Goiânia, 2001. *Anais...* Goiânia: UFG, 2001. p.105-113.
- PANITZ, Ted. *Collaborative and cooperative learning paradigms compared*. s/d. Disponível em: <<http://tpanitz.jimdo.com/coop-learning-articles-by-ted-and-others/>>. Acesso em: 10 jul. 2015.
- PANITZ, Ted. *Collaborative versus cooperative learning: a comparison of the two concepts which will help us to understand the underlying nature of interactive learning*. 1996. Disponível em: <http://www.capecod.net/~TPanitz/Tedspage>. Acesso em: 04 abr. 2014.
- RAMOS, Ana Consuelo. *Leitura prévia e performance à primeira vista no ensino de piano complementar: implicações e estratégias pedagógicas a partir do Modelo C(L)A(S)P de Swanwick*. Belo Horizonte, 2005. 235f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Música.
- SHARAN, Shlomo. Cooperative learning and the teacher. In: *Handbook of Cooperative Learning Methods*. SHARAN, Shlomo. (Ed.) Westport, CT: Greenwood Press, 1994. p. 336-348.

TORRES, Patrícia Lupion e IRALA, Esrom Adriano F. Aprendizagem colaborativa In: *Algumas vias para entretecer o pensar e o agir*. TORRES, Patrícia Lupion (Org.). Curitiba: SENAR, 2007, p. 65-95.

UZLER, Marianne, GORDON, Stewart, SMITH, Scott McBride. *The well-tempered keyboard teacher*. 2nd edition. New York: Schirmer, 2000.

VIEIRA, Pedro Nuno Bessa. *Estratégias alternativas de ensino-aprendizagem na matemática: estudo empírico de uma intervenção com recurso à aprendizagem cooperativa no contexto do ensino profissional*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade do Porto. Porto: 2000. 256f.